

O FENÔMENO DA EVANGELIZAÇÃO

Pe. Dr. Márcio da Silva
Professor de Teologia Moral

No contexto latino-americano, a abordagem sobre o tema da evangelização tende para a incidência de qualificá-la com os atributos restritivos: *nova, libertadora e conscientizadora*. Dessa forma, a tentativa de definir ou de abordar o sentido da evangelização parece que passa imprescindivelmente pela exigência de um enfoque antinômico. A devida compreensão desses predicativos reveste-se de um confronto antinômico. Pois, a necessidade de uma *nova evangelização* implica o reconhecimento de um modelo evangelizador que se configura *arcaico* e desatualizado. A defesa de uma evangelização *libertadora* pressupõe a superação de um contexto sócio-cultural de opressão e de marginalização. O apelo por uma evangelização *conscientizadora* é viável, desde que se desvele a realidade de alienação que subjuga o oprimido.

A evangelização, enquanto fenômeno vivencial, possui um caráter dialético

Na constatação dessas antinomias, o que sobressai é o dado de que a evangelização, enquanto fenômeno vivencial, possui um caráter dialético. O que aqui se pretende realçar é a conotação de dialética enquanto conflitividade entre duas estruturas distintas que se interagem reciprocamente: o conteúdo condicionante e a efetividade histórica.

O conteúdo condicionante define-se pelo objetivo essencial que anima a evangelização em sua tendencialidade de dar-se à concretização. Ou seja, a razão motivadora do ato evangelizador é a verdade sobre Jesus Cristo Ressuscitado: a sua vida, a sua pregação, a sua doutrina, as suas promessas, a sua interpelação para a construção do Reino de Deus. . . A *Boa Nova* anunciada por Jesus Cristo torna-se critério normativo de vida, em cuja angulatura o homem adquire a sua verdade e a postura existencial de ser sujeito histórico comprometido com a realização de uma sociedade justa e fraterna.

O conteúdo condicionante, portanto, é constituído pelas motivações básicas que caracterizam a evangelização em seu foco intencional originário. Por outro lado, ele está determinado pela possibilidade de tornar-se ato evangelizador: está sempre em premência de ser atuado. A sua atualização tem a propriedade de desdobrar-se em efetividade histórica. Se é ato efetivo, histórico, manifesta-se como *obra* humana, projeto falível, já que há de ser encarnado nas circunstâncias criadas pelo homem. Enquanto ato efetivo, a evangelização comporta as dimensões da transitoriedade humana. É ação transformável, adaptável. . . Está fortemente marcada pela ductilidade da renovação, da dinamicidade. Isto, porque o homem se faz e refaz. . . Dilata os horizontes estreitos, superando visões de mundo cristalizadas.

Daí que a conversão do conteúdo e do sentido da evangelização em ação prática, em efetividade histórica, antepõe a questão capital de qual seja o modo (o método) mais eficiente para a sua concretização. Sem dúvida, então, que evangelizar enquanto ato efetivo é reflexo de uma opção prévia, isto é, está profundamente vinculado a um modo evangelizador circunstancial. Disso

se apreende que, a partir de sua dimensão prático-histórica, a evangelização é fenômeno substancialmente humano. É fruto da capacidade criativa da comunidade cristã em escolher as mediações, os recursos, os mecanismos, as estruturas mais apropriadas às situações particulares de cada povo, de cada grupo étnico, de cada situação social. . .

Destarte, o ato efetivo de evangelizar define-se pela característica essencial de ser ação "mediada", motivada a abrir, a alargar o caminho da salvação, a atualizar o conteúdo do Evangelho. Este dinamismo é sustentado pela ligação profunda que existe entre Jesus Cristo e a Igreja. Esta tem por tarefa primordial a missão de atualizar a evangelização, tornando-a viva e eficaz em nome de Jesus Cristo e ajustada ao seu modo evangelizador.

Contudo, pode ocorrer que exista uma dicotomia nesta exigência fundamental. O modo evangelizador assumido pela Igreja, em determinada circunstância histórica, pode estar em contradição frontal com o de Jesus Cristo. O testemunho, consequentemente, torna-se contraditório: ofusca ou nega o conteúdo condicionante, as motivações básicas.

O ato evangelizador só é concretizável à medida que se manifesta e se mostra como "mediação"

Bem no cerne desta questão, centraliza-se a evidência incontestável de que o ato evangelizador só é concretizável à medida que se manifesta e se mostra como "mediação". É certo que a compreensão de mediação traz à tona algumas implicações.

Em primeiro lugar, o ato criativo que formaliza e constrói mediações está em dependência direta do meio-ambiente para o qual foi projetado. A mediação, neste caso, é concebida como "meio" de compreensão e de expressão do mundo sócio-cultural, organizado a partir de um conjunto de valores e de relações práticas. Na verdade, o mundo, que tem o homem por fundamento, torna-se consistente e viável pelo entrelaçamento das mediações criadas. Sendo de modo sistemático "mediado", o mundo é progressivamente reinventado pela pressão de adaptar-se a um modelo configurado e articulado ideologicamente. Em última instância, a mediação não deixa de ser o produto final que corporifica um sistema ideológico.

Se ela é expressão visível de um mundo sistematicamente ideologizado, é desdobrada em "instrumento" que *serve para*: satisfazer as necessidades introjetadas no conjunto das relações sociais; veicular as idéias do grupo que se impõe como classe pensante e dominante; dar estabilidade ao *status quo* como garantia da ordem social. Assim a utilidade da mediação como instrumento é equívoca, pois pode incutir uma dupla finalidade: a de *servir para* a construção de um mundo diferente, redimensionado por novas formas mediadoras; ou de *servir como* obstáculo que atravanca a urgência de mudanças radicais, tornando-se instrumento repressor.

Retomando o argumento em foco, a compreensão de mediação relacionada ao ato evangelizador abre a perspectiva de uma chave de leitura e de interpretação do fenômeno da evangelização. Desde esta perspectiva, a evangelização é analisada como fenômeno que, para ser efetivamente histórico, assimila ou se deixa assimilar pelo complexo de mediações que estratifica um determinado mundo sócio-cultural.

Para a análise histórica de um processo evangelizador deve-se estar muito atento aos mecanismos utilizados

Desse modo, para a análise histórica de um processo evangelizador deve-se estar muito atento aos mecanismos, aos recursos, às estratégias utilizadas para a sua implantação. Levando em consideração o critério da "mediação" como instrumental interpretativo do processo evangelizador que ocorreu na América Latina, é visível que ele foi desenvolvido sob o impacto da conquista colonialista. A Igreja, neste período, consolidou um modelo evangelizador que de certa forma compartilhava de um sistema ideológico de dominação e de subjugação. As estratégias usadas para a conversão à fé cristã estavam ajustadas a um mundo sistematicamente estruturado para impor-se como totalidade única. O instrumento mediador que facilitava este ajustamento era a cruz associada à espada, o altar acasalado ao trono.

A história deixa entrever muitas conseqüências negativas neste processo de atrelamento, a tal ponto que são condenadas pela consciência eclesial atual. Foram produzidas certas situações de violência, de usurpação, de espoliação que ultrajavam a dignidade humana e estavam em contraste com o espírito do Evangelho. Era um mundo constituído por mediações absolutizadas pela pretensão de imperar a ferro e fogo, legitimado também pela cumplicidade e pelo apoio de um modelo evangelizador que ofuscava a autêntica prática de Jesus Cristo.

O apelo para uma nova evangelização não pode estribar-se unicamente num discurso tautológico

Diante disso, o apelo para uma *nova evangelização*, qualificada de libertadora e conscientizadora, não pode estribar-se unicamente num discurso tautológico, exaurido pela repetição do esquema: oprimido versus opressor. O grande repto a ser enfrentado é a superação da tentativa, sempre emergente na Igreja, de padronizar a interpelação evangélica sob o estereótipo de um "modelo" evangelizador totalizante, que tende a absorver a realidade, simplificando de maneira reductiva a sua complexidade. A compreensão paradigmática da realidade reverte-se na estruturação de um modelo evangelizador radicado em preconceitos que levam a pre-juízos de contra-testemunho.

O desafio, então, concentra-se na superação de uma mentalidade padronizante da evangelização por uma consciência arraigada num "modo" de evangelizar criativo. As duas se contrapõem pela diferença substancial que as distingue. Uma mentalidade evangelizadora que se sistematiza a partir de um modelo estandardizado, ipso facto, está inclinada a estagnar-se no tempo, tornando-se adversa às inovações. Em contrapartida, a atitude de assumir um modo de evangelizar que esteja identificado com o de Jesus Cristo é algo mais exigente. Requer, antes de tudo, a eleição das mediações que são criadas e renovadas em conformidade com as necessidades das transformações históricas. Nessa busca incontida de renovação, a Boa Nova será sempre convite à vida nova, uma vez que é fator de salvação e de libertação, através do qual a fé e a realidade estão intrinsecamente vinculadas.

Endereço do autor:

*Casa Paroquial S. Frco. Xavier
Rua Virgílio Várzea s/n — Saco Grande II
88032-000 — FLORIANÓPOLIS — SC*

AS CEBs E OS 500 ANOS DE EVANGELIZAÇÃO DA A.L.

Luís Antonio Caon
estudante do 4º ano, de Florianópolis

Introdução

O Concílio Vaticano II (1962-1965) abriu uma porta ao mundo hodierno e essa porta é que permitiu à Igreja da América Latina, através de Medellín e Puebla, avançar na caminhada da Igreja dos pobres. Da mesma forma, a situação social e eclesial da A.L. permitiu e ofereceu um contexto próprio, concreto, histórico, para o surgimento das Comunidades Eclesiais de Base (CEBs):

"Do coração dos vários países que formam a A.L. está subindo ao céu um clamor cada vez mais intenso. É o grito de um povo que sofre e que reclama justiça, liberdade e respeito aos direitos fundamentais dos homens e dos povos. Há pouco mais de dez anos, a Conferência de Medellín já apontava a constatação deste fato, ao afirmar: 'Um clamor surdo brota de milhões de homens, pedindo a seus pastores uma libertação que não lhes chega de nenhuma parte' (*Pobreza da Igreja*, 2). O clamor pode ter parecido surdo naquela ocasião. Agora é claro, crescente, impetuoso